

ESFEROGRÁFICAS

BIC vai para Espanha

A BIC está a transferir progressivamente, para Espanha, as suas linhas de produção de esferográficas, isqueiros e máquinas de barbear descartáveis. Instalada há mais de 30 anos em Portugal, 20 dos quais em Santa Marta de Corroios (Seixal), a multinacional francesa deu início a um programa de reestruturação ao nível das 140 fábricas que possui em todo o mundo, optando por centralizar a sua capacidade produtiva para a Península Ibérica em Tarragona, próximo de Barcelona.

«Ninguém pretende encerrar a fábrica da BIC em Portugal. Trata-se somente de uma reestruturação a nível mundial, ditada por questões tecnológicas e exigências de qualidade», explicou

ao EXPRESSO Jorge Castro, administrador da empresa.

«Portugal é um país perfeitamente válido para a manutenção de um investimento deste tipo, pelo que a fábrica não será completamente desactivada», acres-

seguintes, os trabalhadores da BIC assistiram ao encerramento progressivo das secções de isqueiros, lâminas descartáveis (que passaram a ser produzidas na Grécia) e, mais recentemente, em Março deste ano, da secção de moldagem.

O fecho destas secções ditou, nos últimos três anos, a saída de dois terços do total de efectivos da empresa, num processo pacífico de rescisões voluntárias.

Escusando-se a precisar qual o futuro reservado à unidade da BIC em Corroios, Jorge Castro limitou-se a admitir «a possibilidade de vir a produzir um único produto, não para um mercado de apenas 10 milhões de consumidores, mas de 200 milhões» (ver pág. 3).



centou o mesmo responsável.

De acordo com fontes próximas da empresa, a primeira secção encerrada, há cerca de quatro anos, foi a dos tornos automáticos, onde eram produzidas as pontas de aço para as esferográficas. Nos anos

Bic despede 70% dos efectivos

NOS ÚLTIMOS três anos, a fábrica da Bic implantada em Santa Marta de Corroios procedeu a uma redução de dois terços dos seus efectivos, acompanhando o processo de reestruturação em curso na Península Ibérica.

A administração da empresa reconhece esta diminuição de postos de trabalho, mas frisa que a mesma se processou sem quaisquer sobressaltos e com base em rescisões voluntárias de contratos (que deram lugar ao pagamento das respectivas indemnizações); reforma de efectivos com longos anos de casa, por limite de idade; e, naturalmente, contratados a prazo que não viram o seu contrato renovado.

«Não houve despedimentos em massa, mas sim saídas voluntárias de trabalhadores. E preciso não esquecer que temos pessoas com mais de 20 anos de casa», frisou Jorge Castro, administrador da empresa.

Das duas centenas de efectivos e contratados a prazo que trabalhavam no período alargo da fábrica de Corroios, apenas restam umas escassas sete dezenas de trabalhadores, distribuídos pelas secções de estereográficas (que se limita agora ao acondicionamento dos fornecimentos fabricados em Espanha), serigrafia, amazen, serviços administrativos, vendas e publicidade.

Fontes ligadas ao processo admitem que este número possa diminuir nos próximos meses, por força de uma cada vez maior dependência da fábrica de Farragosa — agora ligada informaticamente à unidade portuguesa — e de uma maior racionalização de funções nesta unidade industrial. «As pessoas que trabalham no armazém poderão, muito em breve, acumular as funções dos funcionários da secção de embalagem de estereográficas, e a informatização dos serviços poderá conduzir a reduções no

personal de escritórios», revelou uma das nossas fontes.

O factor mão-de-obra

«A perda de importância da fábrica portuguesa da Bic e a sua substituição pela unidade de Farragosa — onde trabalham mais de mil pessoas — era previsível há alguns anos. Os franceses nunca pensaram em manter duas grandes fábricas geograficamente tão próximas», comentou um especialista do sector. E acrescentou: «Muitas multinacionais continuam a olhar para Portugal como uma simples região da Península Ibérica, interessante pelo preço da mão-de-obra. Quando este factor deixa de pesar na balança, procuram outro país ou zona do globo para se instalarem.»

Implantada há cerca de 35 anos em Portugal por iniciativa de Roger Laforest (amigo pessoal de Marcel Bic) e de um

seu associado espanhol, a Laforest, Lda, constituiu-se como concessionária dos produtos Bic para a Península e América Latina. As primeiras instalações da empresa localizavam-se em Camarate, sendo transferidas no início da década de 70 para uma propriedade com cerca de 20 hectares adquirida em Santa Marta de Corroios. A área coberta desta unidade fabril da Bic ronda os seis mil metros quadrados.

De uma produção que ascendia a 250 mil estereográficas por dia, com mais de 80 por cento de incorporação nacional, a fábrica da Bic em Corroios limita-se agora a gerir as encomendas geradas pelo mercado nacional, recebendo de Espanha todos os produtos que comercializa em Portugal.

Vendas caem 13 por cento

A Laforest Bic Portugal é maioritariamente devida pela Société Bic (mais de 50

por cento), estando o restante capital nas mãos de acionistas em nome individual, entre os quais se contam os herdeiros dos seus fundadores.

Em 1993, o volume de negócios da Bic, em Portugal, ascendeu a cerca de milhão e 200 mil contos, ressentindo-se de alguma quebra do mercado (menos 13 por cento de vendas relativamente a 1992) e de uma política mais agressiva de preços, tendente a fazer face a uma concorrência cada vez mais intensa neste sector. «Para manter as quotas de liderança nos segmentos de estereográficas, isqueiros e máquinas de barbear descartáveis, foi preciso baixar os preços», confessa Jorge Castro.

Confirmando a sua aposta no mercado nacional, a Bic prepara-se para lançar, no final do mês, um novo modelo de máquina de barbear descartável de lâmina dupla, a «Bic Twin», revelou o mesmo responsável.

ALEXANDRE COUTINHO